

25/10/48

(O homem do 4º andar)

M 86 -

Livro: *Memo do
Solamento*)

A MUDANÇA

Rubem Braga

Chegava sempre em casa às duas e meia da manhã. Era uma casa de apartamento, já meio velha. Aquela rua quase no centro tinha o ar triste das ruas estreitas do centro com aquele grande armazém de anúncios mal desenhados, os bondes que demoram, gente medíocre passando. O asfalto sujo, as calçadas estreitas, as ruas sujas: o comércio, os caminhões, tudo de vivendo numa pequena febre crônica de trabalho mesquinho e inútil.

Toda cidade tem suas ruas onde a vida nunca se eleva da besteira trivial, onde parece que faz sempre mortuário e os homens sempre fizeram a barba ontem; as mulheres são banais, os automóveis sempre são do modelo do ano atrasado. Era uma rua quase no centro e nunca passara por ali ou saíra dali nada emocionante, nunca houve uma vibração, uma festa enorme como o carnaval que enchesse a rua, fizesse bastante barulho, e obrigasse a temer qualquer coisa, rebentasse uma vidraça; não era caminho de enterro, de casamento, por ali nunca rolou uma onda de ódio ou de volúpia e ela tinha sempre a mesma cara mesquinha ~~e ela tinha sempre a mesma cara mesquinha~~. Não era segada; tinha seus pobres ruídos mecânicos e humanos, vivia com seus lá horríveis estreitos. Nem mesmo um grande crime, nem um crime de "manchette" ali acontecera. Um ano e meio atrás suicidara-se um sujeito. Mas era um sujeito bastante velho, com tuberculose pulmonar e vida encalacrada, que ninguém conhecia direito, que não tinha família nem nenhuma outra circunstância que pudesse comover alguém; *matará-se, afinal de contas, em um acesso de bom senso.*

Era uma rua sem interesse, em cujas sarjetas às vezes se formavam pequenas poças de água preta, onde os mosquitos não se animavam a nascer.

Ele chegava pela madrugada , dormia , saía às onze horas do quarto que havia alugado , não conhecia ninguém .

Tinha 35 anos e vivia remediadamente .

Morava no quarto andar e descia no elevador sempre às onze ou onze e cinco , como se o elevador fosse bonde . Na verdade era um bonde , inexpressivo como um bonde , um suplemento interno de seu bonde . Era um bonde e elevador , e seu escritório também ~~ixixi~~ era como um bonde e a vida era um bonde , tudo para ele , velho passageiro de bonde , eterno pagador de bonde , era um bonde . O bonde , o hábito diário , a obrigação que o esperava , o uso constante do bonde , tudo isso deprava um indivíduo , com qualquer outro veículo . O indivíduo sofre a influência de seu veículo , o veículo regula a marcha de sua vida , ronca dentro dele , carrega-o sem remédio até a morte . Se no Rio de Janeiro um trem de subúrbio carregado de operários magros , sujos , quebrasse um automóvel de alto luxo , os operários ficariam alegres ; porque a luta dos homens é absorvida pela luta dos veículos . Todo trem de subúrbio , arreventado , suando , lardo , espremido , sonha em levar um dia seu povo até a avenida Rio Branco , fazer penetrar sua fumaça ignobil pelas janelas das residências de luxo de Copacabana , correr triunfalmente , superlotado , imenso , terrível , pela cidade rica , pela cidade proibida .

O elevador era um bonde no sentido vertical e ele era eternamente um passageiro de bonde . Não conhecia ninguém naquela rua . Estava ali apenas há dois meses . Agora ia mudar para um bairro afastado . Descia no elevador com a mala . Lembrou-se de que não levava daquela rua nenhuma lembrança particular . Há ruas que entram pela vida dos homens e mulheres que residem no segundo quarteirão da transversal . Parece então que , sob a camada ~~max~~ do asfalto , há uma grande placa de irã . Haverá ruas calçadas de irã ? Há , pelo menos , ruas onde acontecem muitas coisas , onde as coisas acontecem muito . Essas